

**OS NOVOS TRUNFOS DA ESQUERDA MUNDIAL
APÓS O DESMANTELAMENTO DO
“SOCIALISMO” STALINIANO**

PARTE I

IMRE MARTON

**JOÃO QUARTIM DE MORAES
(Introdução e Revisão)**

Departamento de Filosofia
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Estadual de Campinas

**PEDRO SCURO NETO
(Tradução)**

textos Didáticos
nº 26 - AGOSTO DE 1996

TEXTOS DIDÁTICOS

IFCH/UNICAMP

Setor de Publicações

Caixa Postal: 6110

CEP: 13081-970 - Campinas - SP

Tel. (019) 239.8342

Fax: (019) 239.33.27

**SOLICITA-SE PERMUTA
EXCHANGE DESIRED**

Direção:

Diretor: Prof. Dr. João Quartim de Moraes

Diretor Associado: Prof. Dr. Armando Boito Junior

Comissão de Publicações:

Profa. Argelina Maria Cheibub Figueiredo - DCP, Profa. Guita Grin Debert - DA,

Profa. Maria Clementina Pereira Cunha - DH, Prof. José Carlos Pinto Oliveira - DF,

Márcio Bilharinho Naves - DS e João Quartim de Moraes (Coordenador).

Setor de Publicações:

Marilza A. da Silva, Elizabeth S. S. Oliveira e Magali Mendes

Gráfica

Sebastião Rovaris, Marcos J. Pereira, Luiz Antonio dos Santos, José Carlos Diana e
Leontina Marques Segantini.

Capa - Composição e Diagramação - Revisão - Impressão

IFCH/UNICAMP

Introdução

JOÃO QUARTIM DE MORAES

Imre Marton nasceu em 1922, na Hungria. Dois anos depois seus pais emigraram para a França. Bilingüe desde a mais tenra infância, despertou para a política ao influxo da esperança emancipadora suscitada pela vitória do *Front Populaire* em 1936. No ano seguinte, aderiu às *Jeunesses Communistes*. Em 1940, ano da vergonhosa capitulação da cúpula militar e da politicalha reacionária francesa diante das tropas hitlerianas, era secretário da base dos estudantes comunistas na Sorbonne. Logo juntou-se à resistência clandestina, integrando-se aos *Bataillons de la Jeunesse*, uma das primeiras formações de luta armada contra o ocupante nazista.

Em 1945, destroçado o nazismo, decidiu voltar à terra natal. Animavam-no, como a todos os comunistas que haviam constituído a espinha dorsal da resistência antifascista, as mais generosas e ambiciosas esperanças. Veterano de guerra, mas por isso mesmo atrasado nos estudos acadêmicos, completou-os na Hungria, empenhada então em reconstruir o que a guerra tinha destruído e em construir uma nova ordem econômica em que a planificação social prevalecesse sobre a lógica da acumulação do Capital.

Ao tempo das generosas esperanças sucedera, entretanto, com o desencadeamento da “*guerra fria*”, o da crispação ideológica. Do lado comunista, o agravamento do confronto entre Stalin e Tito, culminando na ruptura entre ambos e na expulsão da Jugoslávia do que então já se configurava como o *campo soviético*, exacerbou as tensões entre os partidários da coesão monolítica e os simpatizantes do autonomismo titoista. Aqueles, largamente majoritários e contando com o apoio de Stalin, passaram a aplicar com mão pesada a consigna de cerrar fileiras contra o inimigo capitalista. Como nos tristemente famosos processos de Moscou de meados dos anos 30, a luta pela coesão do movimento comunista foi conduzida com métodos policiais em clima de farsa judiciária. Na Hungria, o grupo dos dirigentes mais ligados a Stalin e à União Soviética (Rákosi, Gerö, Revai, Vas), decidido a assumir o pleno controle do poder, tratou de remover quantos se colocassem no caminho. Entre eles estava o Ministro do Interior, Laszlo Rajk, um dos mais conhecidos e respeitados comunistas húngaros. Transferido deste cargo para o de Ministro dos Assuntos Exteriores, o que evidentemente não constituía uma promoção, antes um meio de afastá-lo dos centros decisórios, Rajk foi preso

em maio de 1949. Enredado, como tantos outros, numa trama bem urdida de chantagens dilacerantes, tratado como traidor da causa que constituía sua razão de ser, psicologicamente alquebrado, prestou-se ao “maior sacrifício, caluniar a si próprio”¹. Através dele, entretanto, Rákosi e seus parceiros, rigorosamente alinhados com Stalin, queriam atingir Tito, o grande herege. Em suas “revelações”, Rajk acusou Tito, entre outros “crimes” e “traições”, de preparar, em colaboração com os serviços de espionagem estadunidenses, o restabelecimento do capitalismo na Yugoslávia e em todo o Leste europeu.

Marton, que concluía então seus estudos universitários, alinhava-se entre os simpatizantes de Rajk. Foi preso. Era demasiado jovem e distante das culminâncias do poder para merecer tratamento demolidor. Foi impedido, porém, durante muitos anos, de dar aula na Universidade. Continuou membro do Partido, mas sem assumir funções permanentes. A morte de Stalin, em 1953, abriu caminho em todo o bloco soviético para a “desestalinização”, que na Hungria ultrapassou os limites considerados toleráveis pelos novos dirigentes soviéticos (eles próprios envolvidos em luta de vida e morte pelo controle do poder). Em 1956, acionaram as tropas do Pacto de Varsóvia (réplica comunista ao Pacto Atlântico) para retomar o controle da situação. Ato de força que não só traumatizou os húngaros, como deixou seqüelas profundas entre os comunistas de todo o mundo: no Brasil precipitou a cisão do grupo dirigido por Agildo Barata.

¹ A expressão é do historiador social-democrata russo Nicolas Sukhanov, processado durante o terror staliniano. Cf. François Fejtő, *Histoire des démocraties populaires*, Paris, Seuil, 1952, pp. 253-254, nota 2, que se apoia em Victor Serge, *Vida e morte de Trotski*.

Na Hungria, entretanto, Kruschov, tendo ou não lido Maquiavel, soube aplicar com eficiência o princípio de que o Príncipe deve fazer todo o mal de uma só vez, para depois distribuir o bem em pequenas doses. A “desestalinização” foi retomada, agora em ritmo lento e gradual, mas seguro.

Para Marton, abriu-se a possibilidade de retornar à pesquisa acadêmica. As lutas anticoloniais de libertação nacional atingiam então o auge. Em 1961, a leitura de Frantz Fanon, Aimé Césaire e outros escritores militantes da libertação dos povos africanos definiu-lhe uma duradoura e fecunda vocação política e intelectual: o estudo das especificidades do “terceiro mundo”, principalmente da África em luta. Seus estudos sobre Fanon² foram adotados pelo P.C. argelino, tornando-o conhecido na esquerda marxista árabe e africana. Em 1964, ingressou no ensino universitário húngaro, como professor de ideologias do terceiro mundo. Em 1968, defendeu sua tese de doutorado Alienação e desalienação nas ideologias do Terceiro Mundo. Neste mesmo ano, foi para a Guiné como professor de Filosofia, Sociologia e Ideologia. Esta experiência deixou-lhe grande admiração pelo governo nacional-revolucionário de Seku Turê, artífice da independência guineana. Esteve também na Argélia, em Madagascar, no Benin. Durante muitos anos foi colaborador da Universidade das Nações Unidas. Em 1973-1974, foi professor convidado da Academia de Ciências de Moscou.

² Sobre Fanon ver Renato Ortiz, “Frantz Fanon: um itinerário político e intelectual”, *Idéias* (II), 1, janeiro-junho 1995, pp. 5-28 e o artigo de Fanon “A Argélia se desvela”, traduzido por Mariza Corrêa em *Três ensaios sobre a Argélia e um comentário*, *Textos Didáticos*, nº 16, março de 1995, pp. 21-45.

Em 1975, quando o conheci num congresso da *Association de Sociologues de Langue Française*, era diretor do grupo de pesquisas africanas no Instituto de Economia Mundial e professor na Universidade de Ciências Econômicas de Budapeste. Preparava um estudo histórico-crítico sobre as especificidades do Terceiro Mundo, cujos resultados divulgou em 1978³.

Durante o mesmo período, publicou também 7 volumes de autores da nova esquerda consagrados à emancipação dos povos colonizados. Mas, ao poucos, foi recentrando sua reflexão na crise e nas perspectivas de renovação da esquerda mundial e do marxismo. A partir de 1984, recusou-se a ensinar a vulgata marxista do curriculum oficial, participando da renovação da esquerda húngara reagrupada no Partido Socialista com o qual atravessou os tempos dúbios do colapso do bloco soviético. Sua postura naquele momento está claramente expressa na comunicação intitulada Reflexões sobre o desmantelamento do “socialismo” staliniano, que apresentou num colóquio sobre as “evoluções das sociedades socialistas” ocorrido em Paris de 20 a 22 de outubro de 1989. O texto se abre com a seguinte auto-caracterização ético-política:

Pertenço à geração de comunistas que ressentem dolorosamente o dilaceramento entre as contra-verdades que eles muitas vezes justificaram “inteligentemente” e as verdades mais tarde evidentes que eles contestaram de boa fé.

Pertenço à geração de comunistas que sofrem deste profundo divórcio entre o passado e o futuro. Afetivamente, o futuro nos

³ Imre Marton, *Pour une interprétation scientifique des spécificités du Tiers Monde*, Budapeste, Organisation Internationale des Journalistes, 1978.

empurra de volta ao passado, enquanto que teoricamente, o passado nos empurra a uma revisão dilacerante, a uma reflexão crítica sobre as novas alternativas da longa marcha da emancipação social e humana.

Pertenço à geração de comunistas em que convivem sentimentos de culpabilidade, de orgulho e de responsabilidade.

A fidelidade à causa que deu sentido profundo à nossa vida hoje nos obriga a uma reflexão crítica sobre o percurso das tentativas de superação do capitalismo durante o período staliniano, o período pós-staliniano e no curso do atual estágio de dismantelamento do sistema staliniano, das reformas empreendidas nos países socialistas, reformas organicamente ligadas à mutação estratégica com a qual se defronta a esquerda mundial em seu conjunto. Tais processos de reforma suscitam novas esperanças, apagando progressivamente os traços mais repulsivos da imagem do socialismo e, ao mesmo tempo, novas apreensões, o temor de que o socialismo, em vez de encontrar nova identidade, seja puxado para trás, para a restauração do capitalismo ou de novas modalidades do stalinismo, de tal modo que em nossa época a alternativa ao capitalismo permaneceria o "socialismo stalinista", que desacreditou os ideais do socialismo.

Estive em Budapeste em fevereiro e em setembro de 1990. Em fevereiro, a proximidade das eleições que afastariam do governo a esquerda (por menos tempo do que então imaginava a direita) era apenas perceptível em conversas animadas e discretos cartazes de propaganda. Nada que se comparasse ao supermercado eleitoral de tipo estadunidense. Não tendo encontrado

Marton (andamos em direções opostas: eu de Paris a Budapeste, ele de Budapeste a Paris), não perdi a oportunidade, estando de novo em Paris em setembro do mesmo ano, de retornar a Budapeste, desta vez com encontro marcado por telefone.

Sabia que o restabelecimento do capitalismo provocava forte inflação não compensada por “correções monetárias” à brasileira e que o poder aquisitivo dos professores, pesquisadores acadêmicos e outras categorias profissionais “fora do mercado” havia sido brutalmente reduzido. (Marton me disse, mais tarde, que seus proventos haviam caído de cerca de 2.000 para cerca de 200 dólares por mês⁴). Com certa relutância, cujo motivo, como depois compreendi, era sua completa penúria monetária, que o impedia de me convidar para um restaurante, aceitou meu convite para almoçar no hotel onde me alojara, situado na encantadora ilha de Margit, perto da curva do Danúbio entre Buda e Pest. Seguem, condensadamente, as principais observações que dele registrei naquela ocasião.

"- Na minha idade não tenho muito o que temer quanto a meu próprio futuro. Temo muito pelo futuro dos valores aos quais consagrei minha vida. Temo por minha filha e por meu neto". Temor carregado de um sentimento de responsabilidade que ele assumia com amarga ironia. *"- Encorajei minha filha a estudar russo. Hoje ela é professora de russo. Encorajei-a também a se interessar pela África. Interessou-se a ponto de*

⁴ Na verdade, estimativas deste gênero são sempre enganosas, já que o nível e a qualidade de vida, no socialismo, dependem principalmente de serviços e benefícios (moradia, educação, transporte, assistência médica, etc.) preservados da lógica mercantil. A afirmação de Marton, sem pretensões de exatidão contábil, significa apenas que seu poder aquisitivo tornara-se irrisório.

unir-se a um estudante moçambiquenho e com ele teve um filho. Meu neto, a quem me apego como um velho à radiosa continuação de si mesmo, sofre hoje discriminações por ser filho de um negro com uma professora de russo e neto de um comunista”.

Marton observava sem surpresa o desmantelamento do “socialismo real”. Consolava-o pouco ter sempre mantido distância crítica em relação aos áulicos do poder. Não era homem para saborear mesquinamente a confirmação de suas críticas. Criticara o “socialismo real” como marxista e não como aprendiz de feiticeiro, à maneira de Gorbachov. Jamais teve a mínima ilusão sobre o significado da restauração capitalista: talvez inevitável dada a esclerose burocrática do socialismo de Estado, mas quanto ao fundo um retrocesso histórico.

“- Tomamos a iniciativa de abandonar o monopólio do poder sabendo que teríamos também de abandonar o próprio poder. Após mais de quarenta anos, carregando em nosso passivo o trauma da intervenção soviética de 1956, não poderíamos evitar uma derrota eleitoral. Sem dúvida, os democratas e liberais sinceros nos absolveriam politicamente por termos renunciado civilizadamente ao exercício de um poder cujo caráter ilegítimo não mais podíamos negar, mas não a direita mais rancorosa e virulentamente anticomunista”.

Perguntei-lhe se achava provável ou ao menos possível não apenas uma vitória eleitoral dos neoliberais mas também, na

trilha destes, a ascensão dos neofascistas ao poder. Ponderou que numa virada histórica como a que estavam vivendo, amplia-se o leque das possibilidades, inclusive das piores. Ignorava a força efetiva da extrema-direita, mas notava que o almirante Horthy, o “regente” da decrépita monarquia húngara, que colocara o país a reboque de Hitler e participara da invasão da União Soviética, estava agora sendo apresentado pelos nostálgicos da cruz gamada como um herói nacional. Lembrei-lhe que Lech Walesa exibia em seu gabinete o retrato do coronel Pilsudski, ditador fascista da Polônia na mesma época em que Horthy o era da Hungria.

“- Walesa é um produto híbrido de nossas falhas e das ilusões suscitadas pela falaciosa prosperidade capitalista. Menos o socialismo real era exaltante, mais as bugigangas do capitalismo de massas se tornavam sedutoras. É assustadora a infantilidade do Solidariedade: querem a chamada economia de mercado, mas não querem pagar o petróleo soviético a preços de mercado. Querem empresas capitalistas mas não querem o desemprego capitalista. A Polônia, com Walesa e Solidariedade, está caminhando para um milhão de desempregados. Mesmo com o auxílio maciço da diplomacia do dólar, vai ser difícil Walesa governar a Polônia na base da demagogia anticomunista que até agora lhe garantiu sucesso interno e sobretudo internacional”.

Ambos estávamos de acordo em que Walesa e Solidariedade constituíam peculiaridade polonesa. Nos demais países do Leste europeu, o anticomunismo não se apoiava, nem se apoiaria principalmente no movimento operário, mesmo porque somente na

Polônia este assumiu a vanguarda da luta contra o poder comunista. O catolicismo faz estes milagres... Na Hungria, o anticomunismo seguiu a regra geral: juntou a intelectualidade liberal ocidentalizante, lado a lado com militantes da reação, com negociantes ansiosos por ampliar sua esfera de atividades, com jovens deslumbrados pelos produtos “made in USA” ou “made in Japan”, enfim por todos aqueles que do socialismo só viam as frustrações. A vitória da direita, eleitoralmente agrupada no *Forum Democrático* abriu caminho imediatamente a um furibundo programa de “privatização”. József Antall, chefe do governo de restauração capitalista, acabara de anunciar a liquidação de vinte grandes empresas estatais, avaliadas em conjunto em cerca de um bilhão de dólares. Previa-se a venda das ações destas empresas tanto a húngaros quanto a estrangeiros, embora não estivesse claro o estatuto jurídico que receberiam as empresas privatizadas. Perguntei-lhe se eram muitos os investidores húngaros.

- Mais do que você pode imaginar. O pior é que muitos deles saíram do nosso Partido. Diretores ou managers importantes que não somente recorreram ao método habitual de “acumulação primitiva” (câmbio negro de divisas fortes), mas aproveitaram o clima de liberalização econômica para cobrar toda sorte de “comissões” indevidas, aumentar descaradamente seus salários, prêmios e outras “gratificações”, etc.

A maioria dos comunistas, felizmente, não virou a casaca nem foi uivar com os lobos neoliberais. Não deixou, porém, de ser

afetada pelo colapso do *Sorex*. Mormente a propósito da avaliação histórica da primeira grande tentativa de conduzir a Humanidade mais além da lógica da valorização do Capital. “- *Não podemos esperar objetividade nem sentido de justiça histórica por parte da direita. Mas mesmo entre nós, entre camaradas, nota-se uma tendência a reinterpretar os fatos e as viradas mais importantes dos últimos quarenta anos de maneira a se pôr superficialmente de acordo com o estado de espírito da opinião pública. Querem trocar de pele, mas não passam de camaleões*”. Seguramente leu em minha fisionomia a expressão irônica ou maliciosa de um inevitável pensamento: mudar de nome na hora da derrocada, como fizera o ex-PC húngaro, agora Partido Socialista, é também um procedimento de camaleão⁵. Marton, que, como notamos, identificara-se a fundo com o novo Partido Socialista, respondeu a esta objeção implícita lembrando ser este o quarto nome da esquerda marxista em um século e meio de trajetória: a Liga dos Comunistas, fundada por Marx e Engels, os partidos operários social-democratas da II Internacional, os partidos comunistas da III Internacional e agora os partidos socialistas. “- *Cada um desses nomes corresponde a uma situação histórica distinta. O importante, claro, é aquilo que cada nova fase aceitou e aquilo que rejeitou do legado que recolheu.*”

O texto que reproduzimos a seguir foi elaborado entre o final de 1989 e o início de 1990. A versão original, em francês, Les nouveaux atouts de la gauche mondiale après l'effondrement du "socialisme" stalinien, apresenta 48 páginas datilografadas,

⁵ A 4 de outubro de 1989, o Partido Socialista, ex-Partido Comunista, decidiu suprimir todos os símbolos de seus passados vínculos com o bloco soviético.

contendo correções à mão, sem dúvida feitas pelo autor e, no final, a data “fin abril 1990”. Marton falou-me do artigo em nosso encontro de setembro daquele ano, mas por circunstâncias várias que seria longo e inútil referir, só o recebi e li no início de 1991⁶. Naquele momento (que felizmente já pertence ao passado!), a arrogância imperialista atingira o clímax no massacre pirotécnico do Iraque e a esperança revolucionária sufocava-se sob os escombros do Sorex, imenso colosso de pés de argila. Por isso mesmo havia urgência em divulgar uma reflexão lúcida, corajosa, purgada de ilusões mas carregada das mais elevadas esperanças, como a que só agora apresentamos. Falei de Marton a Pedro Scuro Neto, pesquisador que se propunha publicar um volume expondo a visão de alguns dos mais importantes autores da esquerda mundial sobre o colapso do *Sorex*, suas causas e conseqüências. Scuro compreendeu imediatamente a relevância do texto de Marton e encarregou-se de traduzi-lo para o português. Infelizmente, as editoras comerciais contatadas para publicar o livro mostraram entusiasmo quase nulo para investir em marxismo. A moda era outra... Tendo realizado a parte mais difícil do trabalho, mas sem tempo para prosseguir na decepcionante caça ao editor, Scuro generosamente deu-me carta branca para publicar como e quando pudesse sua preciosa coletânea de textos. Sem renunciar ao projeto de publicá-los todos (a saber, uma Introdução do próprio Scuro e artigos de Zygmunt Bauman, Martin Jacques, Giuseppe Vacca, Martin Jay, Robert Hielbroner, Samir Amin, Paul Sweezy, Wlodziemierz Brus e Christian Meier),

⁶ Graças ao empenho de minha amiga, a jornalista italiana Augusta Conchiglia e do jornalista francês Gilbert Wasserman, aos quais registro aqui meu reconhecimento.

começamos pelo artigo de Marton, do qual publicamos aqui a primeira parte, que será logo seguida da segunda.

No espírito da série *TEXTOS DIDÁTICOS* do IFCH/UNICAMP, pretendemos, antes de mais nada, assegurar a circulação em nosso meio de estudos relevantes de autores estrangeiros. É evidente, porém, que o texto de Marton constitui material de análise e discussão da maior relevância para o CEMARX, nosso centro de estudos marxistas, notadamente na medida em que oferece originais subsídios teóricos e históricos para pensar os dilemas e as perspectivas de nosso tempo.

Os Novos Trunfos da Esquerda Mundial após o dismantelamento do “socialismo” staliniano

Parte I

IMRE MARTON

Talvez seja um paradoxo tentar refletir sobre as perspectivas de uma renovação da Esquerda mundial, de uma emancipação socialista, justamente quando tudo deixa crer que as esperanças suscitadas e as finalidades proclamadas pela Revolução de Outubro descansam por toda uma eternidade no cemitério dos escombros dos regimes dos países do Leste.

Que fênix vai renascer das cinzas? Assistimos a uma desintegração criadora, para retomar a fórmula de Edgar Morin?

Ou será que nenhuma alternativa pode opor-se ao capitalismo histórico?

Hoje em dia, em meu país, existe um pendor natural de falar e escrever exclusivamente sobre a ruína do socialismo e do comunismo, ainda que a natureza, o funcionamento dos regimes stalinistas não correspondessem à lógica do socialismo. Essa disparidade se revestiu de modalidades e de graus de intensidade variada nas fases históricas desde 1917 até os nossos dias.

Aqueles que não se deixam carregar pelas ondas da moda não devem contentar-se com denunciar as perversões, as exações, as disfunções do Partido-Estado no curso das últimas décadas. Mesmo os reformadores durante longo tempo limitaram-se a uma análise crítica de certas constelações de anomalias nas diferentes esferas da vida social. A aceleração dos acontecimentos, a confusão que reina nos espíritos, a apatia, o desencorajamento dos militantes da emancipação humana, os perigos de uma grande ofensiva das forças conservadoras e de direita nos incitam a projetar uma luz crua sobre o conjunto da cena, a propor uma interpretação global e sintética da crise que atravessa o conjunto da Esquerda mundial, notadamente os países ditos socialistas, desembaraçando as correlações entre os aspectos mundiais e nacionais, econômicos e sociológicos, políticos e psicossociais, entre a modernização e o atraso, emancipação e alienação, estabilização e decomposição.

Deve-se também prestar atenção nas incidências econômicas, políticas e ideológicas da nova fase de internacionalização do capitalismo histórico, para esquematizar as

mudanças que irão se impor, nos anos que virão, ao mundo do trabalho e ao mundo do capital, às forças progressistas e às forças retrógradas. Na fase de transição dos países do Leste haverá tentativas de remover os obstáculos que entravam a instauração de uma economia de mercado, inserida e subordinada à economia mundial, dominada pela lógica do lucro. Simultaneamente, no entanto, também se derrubarão as barreiras, os esquemas, os preconceitos, os estereótipos e as ilusões que retardaram, frearam e assorearam as vias de uma renovação de um bloco de Esquerda de componentes múltiplos e pluridimensionais. Da crise, da falência, brotam novas esperanças respondendo mais adequadamente aos obstáculos e às potencialidades de nossa época.

O indivíduo que procura dominar e dar forma a seu destino abriga dentro de si uma fé racional – um termo que tomo de Erich Fromm – incitando-o a uma reflexão crítica sobre si mesmo e sobre o mundo, que não escapa inteiramente a certas utopias, as quais ratifica e reforma sem cessar ao contato das inconstantes realidades. A utopia que anuncia a renovação primaveril não é uma ilusão que acarreta desilusões, mas a condição prévia da sobrevivência da humanidade. Como escreveu René Passet,

quando valores autênticos não mais estruturam os sonhos dos homens, freqüentemente o delírio os substitui. Devemos então rezear que o caos não venha a encobrir esse outro sentido – extraído também da mitologia – de abismo ou de vazio escancarado invadido pelas trevas.¹

¹ René Passet, “La politique et le chaos”, in *Le Monde Diplomatique*, Manière de voix n° 7, p. 27.

Da inelutabilidade do stalinismo

Porque a Revolução de Outubro desembocou no fenômeno stalinista? Tantas obras foram escritas sobre este tema, tantas discussões se travaram a seu respeito, que me contentarei em formular teses com referências e argumentos bem restritos.

Quais são as causas profundas, decisivas do fracasso da primeira tentativa histórica de superação do capitalismo? O desenlace desastroso da Revolução de Outubro foi resultado, em última análise, do fato das sociedades ditas socialistas terem permanecido na condição de subsistemas do capitalismo histórico, segundo a interpretação de Emmanuel Wallenstein. O erro capital que comandou toda a estratégia da III Internacional de construção do socialismo em um só país, foi a tese de Lênin, segundo a qual a I Guerra Mundial, a guerra imperialista consecutiva à luta dos países imperialistas pela partilha do mundo, abria uma nova fase, a época das revoluções proletárias e de libertação nacional, a época da vitória do socialismo à escala mundial.

No que diz respeito à possibilidade e necessidade de tomar o poder, ao plano tático, conjuntural, os acontecimentos confirmaram as teses de Lênin. Mas, a longo termo, as hesitações e apreensões de Kamenev e Zinoviev mostraram-se justificadas. Lênin ofereceu interpretações adequadas ao estágio imperialista do capitalismo porém, a partir de teses justas teoricamente, tirou conclusões políticas sem legitimidade histórica, conclusões que reexaminou e de certo modo modificou levando em consideração a evolução mundial e as contingências da revolução depois de 1917. Entre as duas guerras mundiais, o curso dos acontecimentos

parecia dar legitimidade ao rompimento com a II Internacional na preparação das massas trabalhadoras para a tomada do poder: crise econômica, multiplicação dos regimes totalitários na Europa do Leste, ascensão do fascismo na Alemanha e Itália, luta pela partilha do mundo.

Porém a decisão de violentar a história para empreender a superação do capitalismo em um país atrasado e isolado, redundou, mais tarde, em violentar as massas populares para preservar um regime que não correspondia ainda às possibilidades históricas.

Toda tentativa de definir a natureza dos regimes que irão se suceder depois de um período de transição mais ou menos longo, mais ou menos conflitante em relação àquela que se descompôs e desabou nos países do Leste, permanecerá muito discutível, enquanto não se esclarecer a natureza das sociedades que se haviam configurado no “mundo socialista”. Os termos estatocracia, despotismo, partido-Estado, economia com planificação centralizada, sociedade militar centrada no expansionismo e burocracia, revelam as facetas de uma entidade (facetas que são mais conseqüências de constrangimentos ou de opções inadequadas do que causas primordiais) que tornaram incontornável, inelutável a formação do sistema stalinista, suas fases de avanço, expansão, decomposição e desmoronamento.

Ernest Mandel, em Onde vai a URSS de Gorbachov, defende a idéia de que as aspirações da Revolução de Outubro, do socialismo, poderiam ter sido realizadas caso a revolução não tivesse sido traída. A contradição que se afirma entre a *perestroika*

e a *glasnost* permite antever, escreve ele, que a classe operária soviética despertará de seu torpor e irá impor, graças a sua nova dinâmica, a volta ao autêntico socialismo. Ele pretende que o tremor que se manifesta na URSS fará também tremer o proletariado americano. Essas duas componentes essenciais da classe operária mundial, reencontrando seu dinamismo, contribuirão para a extensão e a aceleração da revolução socialista no plano internacional.

Por outro lado, Moshe Lewin analisa com mais finura a aparição do fenômeno stalinista e do fenômeno gorbachovista em dois ensaios de grande valor: A formação da sociedade soviética e A grande mutação soviética. Com mais perspicácia, na medida em que associa o fenômeno stalinista à inércia da história imperial russa, às modalidades de exercício do poder czarista que engendraram grandes redes hierárquicas burocráticas, aos modos de trabalho e de vida do mujique, às características de sua mentalidade, primordialmente religiosa, ao estado de atraso do país.

Na época do czarismo, a figura sociológica dominante era o mujique. Para Lewin, o fenômeno stalinista impôs-se em consequência do estado de ruína da sociedade, como resultado do retardamento herdado da I Guerra Mundial, da revolução, da guerra civil, da fome, da desclassificação da classe operária, do isolamento da União Soviética em decorrência do fato que, contrariamente às previsões, a revolução não foi a fagulha que multiplicaria os focos revolucionários no Ocidente e no Oriente. No começo dos anos 20, o novo regime não possuía bases econômicas nem bases sociais. Era um regime que repousava sobre a própria

cabeça, sobre o aparelho do partido e do Estado. Uma superestrutura sem infra-estrutura adequada.

Além do mais, a cidade dependia do campo, de centenas de milhares de pequenas propriedades onde prevaleciam formas de trabalho e de pensamento arcaicos, patriarcais. Lênin pretendeu debelar, graças ao capitalismo de Estado, esse oceano de pequenos produtores, de pequena burguesia, para logo em seguida buscar um compromisso com os camponeses com a introdução da Nova Política Econômica. Em lugar dessa estratégia de avanços a passos curtos, Stálin optou por uma estratégia de fuga para a frente, de saltos, de penetrações, impondo uma acumulação forçada, uma aceleração na industrialização e na coletivização, em suma, um desenvolvimento extensivo a qualquer preço. Daí o acentuado centralismo no partido e no Estado, a implantação de um sistema hierárquico, onde a cúpula dita e os escalões inferiores se limitam à execução das consignas e ordens recebidas.

Somente a violência e a intimidação podiam dar garantias para a criação de uma base atravessada pelas malhas da superestrutura. A ascensão do fascismo, o perigo de uma nova guerra mundial davam uma certa legitimidade histórica a tal empresa, no curso da qual a natureza, o funcionamento, a ideologia, a composição do partido modificaram-se. Na minha opinião, a médio prazo a vitória militar legitimou o stalinismo, Ialta e Postdam conferiram à URSS o estatuto de grande potência e favoreceram sua política expansionista. A URSS possuía um estatuto de extrema originalidade, como subsistema do capitalismo histórico. Aliava características de semiperiferia e de superpotência militar, de modernização de alto nível nas esferas,

nos ramos relacionados à sociedade militar, e, de relativo retardamento, ou mesmo pronunciado, nos demais setores. Esse complexo modernização-retardamento afirmou-se de uma maneira desigual entre as repúblicas e no seio de cada república, assim como nos países ligados à “comunidade socialista”.

O capitalismo histórico comandou, regeu direta ou indiretamente através de múltiplas mediações a evolução das sociedades que pretenderam se situar fora dele, de seu *World System*. Apesar da política de autarquia, de recolhimento em si mesmo, o mundo socialista não pôde escapar nem dos imperativos da corrida armamentista, nem do modelo de industrialização, nem dos avanços tecnológicos nem do modelo de consumo e de modo de vida, das novas correntes de pensamento e da arte, nem à multiplicação de bases militares e de guerras locais (encorajando-as ou suscitando-as, em parte), nem ao impacto dos novos movimentos sociais, nem ao impacto ideológico dos *mass media*.

O socialismo real permaneceu um subsistema do capitalismo histórico, mesmo porque como foi obrigado a manter a lógica da acumulação, extraindo a mais-valia (o excedente) do desenvolvimento desigual entre as regiões, das relações mercantis e monetárias na esfera do consumo e em parte entre as empresas públicas, mantendo relações comerciais com firmas capitalistas, alinhando-se de forma relutante à cotação das principais moedas de referência, dos preços e das moedas em nível das relações comerciais entre os países socialistas, atendo-se à divisão internacional do trabalho, participando nas manipulações das bolsas e dos mercados financeiros internacionais.

A manutenção, enquanto subsistema no *World System*, do capitalismo histórico ficou ocultada de uma parte, pelo fato de que as estruturas e os mecanismos econômicos existentes não correspondiam às exigências de uma economia de mercado e o funcionamento de uma sociedade política militar pervertia a reprodução das relações sociais e as modificações entre os diferentes ramos da economia. Na vida econômica e política não se afirmou a lógica do capitalismo nem a lógica do socialismo. *A razão de Estado mantinha a irracionalidade econômica e a racionalidade solapava a razão de Estado.* Submetida à lógica do capitalismo histórico, à lei do desenvolvimento desigual nesta zona específica de semiperiferia, a lógica heteróclita, confusa reproduzia e reforçava uma articulação da modernização e pronunciado retardamento, de um desenvolvimento endógeno e exógeno.

Estamos diante de um regime híbrido, na medida que não se afirmou de forma unívoca a lógica do capitalismo nem aquela do socialismo. Havia uma sociedade predominantemente político-militar cuja reprodução bloqueava simultaneamente a via do capitalismo e a via do socialismo. No entanto, o reconhecimento do fato de que o capitalismo histórico na etapa atual não pode ser contornado não quer dizer que a fase histórica aberta pela Revolução de Outubro fosse, sob todos os pontos de vista, uma fase inútil, sem alcance histórico.

A Revolução de Outubro significou uma ruptura, a mais radical contestação política e a mais organizada no seio do capitalismo histórico, origem de fortes convulsões em escala mundial. Ela encarnou o movimento anti-sistêmico mais influente e um desafio ao qual o capitalismo teve de procurar adaptar-se.

Com o tempo verificou-se que a ruptura política não resultou em ruptura econômica. Ocorreu, em ritmos diferentes, segundo modalidades as mais diversas, um longo processo de fagocitose político-econômica, facilitado pelo fato de que o regime soviético permaneceu, mesmo na sua fase inicial, uma zona marginal, mas turbulenta, do capitalismo histórico. O resultado é que, do ponto de vista político e social, o papel, o desempenho, as conquistas da União Soviética e de seus aliados não podem ser apreciados segundo os mesmos critérios do seu “desempenho” econômico. Durante suas diferentes fases, no plano político e ideológico, a trajetória histórica da Revolução de Outubro estimulou, dinamizou, perverteu e desacreditou os movimentos anti-sistêmicos de emancipação. Penso, por exemplo, na luta antifascista, na desintegração do sistema colonial. A Revolução de Outubro suscitou novas esperanças, anunciou a exigência da formação de um novo mundo, de uma civilização nova, de um novo humanismo. Sem tais ambivalências, seria inútil tentar compreender as fases de atração e de repulsão envolvendo a URSS.

O período que vem de 1917 até nós, apesar dos fracassos, dos desencantos, dos crimes, exprime que as forças anti-sistêmicas engendradas pelo capitalismo histórico multiplicaram-se, ampliaram-se e organizaram-se à escala mundial. Depois da Revolução de Outubro, a crítica ao capitalismo, a partir da análise de Marx, do pensamento marxista em geral, adquiriu uma dimensão global e muitos elementos foram “assimilados” pelas ciências sociais e inspiraram várias ideologias e movimentos de emancipação que se diferenciaram em vários aspectos do marxismo, dos movimentos operários revolucionários e do mundo

“socialista”. O encaminhamento, os tropeções, os desvios da tentativa histórica de superar o capitalismo dentro dos quadros do capitalismo histórico tornam necessário conduzir uma crítica frontal ao capitalismo e ao “socialismo” stalinista para tirar daí lições teóricas e políticas. Mesmo porque o encaminhamento da Revolução de Outubro, embora violentando a história, contribuiu para compor certos traços positivos da fisionomia do mundo contemporâneo.

A liberalização do sistema stalinista: causas, variantes e limites

Depois da II Guerra Mundial, os elementos básicos da concepção estratégica entre as duas guerras perderam aos poucos sua legitimidade histórica. Stálin tentou justificar a manutenção da antiga estratégia, alegando que depois do último grande conflito, a reprodução ampliada, no mundo capitalista, se realizava sobre uma base cada vez mais desbastada. Daí as contradições interimperialistas irem se acentuando e desaguando no conflito pela partilha do mundo, pelo fim da hegemonia e da dominação americana.

Todavia, a própria União Soviética não ficaria à margem. Até o começo dos anos 50, os países socialistas tinham se preparado para uma nova confrontação mundial que teria como resultado o triunfo da revolução mundial. Nos países capitalistas, o papel do proletariado, dos partidos comunistas era o de impedir a guerra contra o mundo socialista e de se preparar para

transformar a guerra imperialista em guerra revolucionária. Lembremos o apelo de Maurice Thorez: “Jamais o povo francês fará guerra contra o povo soviético.”

Igualmente é verdade que as potências ocidentais tinham interesse em explorar o monopólio das armas nucleares, sua superioridade econômica, o debilitamento da URSS depois da guerra. Elas tiveram enorme responsabilidade no rompimento da coalizão antifascista e no trânsito à Guerra Fria. Mesmo assim, é preciso não minimizar o papel da URSS nesse processo (a crise de Berlim, a guerra da Coréia etc.). Houve encadeamento de interesses, de objetivos dos complexos industriais militares, americanos e soviéticos.

Depois da morte de Stálin, muito em particular após o XX Congresso do PCUS, observou-se uma certa retificação estratégica motivada pela tomada de consciência de que não há alternativa à coexistência pacífica. Assim mesmo, a interpretação de coexistência, da *détente* associou-se a teses que obstaculizavam o curso da coexistência e o processo de liberalização do regime. Refiro-me às teses:

- (a)- A coexistência é uma forma de luta de classes em escala mundial. Somente a superioridade militar da URSS poderia bloquear os efeitos intrínsecos do imperialismo. Preservou-se uma interpretação sectária sobre a crise geral do capitalismo, segundo a qual a contradição fundamental de nossa época é a oposição entre socialismo e capitalismo. Não se reconhecia a prioridade dos problemas globais, afetando a sobrevivência do conjunto da humanidade.

(b)- As forças do socialismo determinam a evolução social e histórica de nossos tempos. Esta tese implica na ilusão da superação do capitalismo em todos os domínios num lapso de tempo bem curto. A tese da coexistência pacífica não rompia com a estratégia da acentuação da luta de classes nos países capitalistas desenvolvidos e no Terceiro Mundo. Assim mesmo, as negociações entre as grandes potências foram retomadas, compromissos foram assinados. Mas Brejnev vai enfatizar a corrida armamentista e procurar ter garantias de superioridade militar para obrigar os Estados Unidos ao compromisso, a fazer concessões, pensando que os americanos tinham saído esgotados, enfraquecidos política e moralmente na guerra do Vietnã. Graças à multiplicação das guerras localizadas, expandiu-se a rede de bases militares, cuidando-se ao mesmo tempo de não ultrapassar o limite que implicaria em respostas inevitáveis.

A liberalização do regime stalinista assume contornos precisos na política denominada “o novo curso”. Estabilizou-se o aparelho evitando expurgos, dando mais autonomia às instâncias inferiores dos aparelhos políticos e econômicos que irão depois fundir-se, criar grupos de pressão, máfias.

As repressões tornam-se menos massivas. Uma consolidação e uma segurança são exigidas pelo fato de que a União Soviética tornou-se uma potência mundial, precisando então de um respaldo interno mais estável. Procurar-se-á aumentar o nível de vida da população concedendo-se fundos maiores às esferas não-militares. Procurar-se-á igualmente aliviar a dominação da URSS sobre seus aliados.

A liberalização permanecerá limitada, freqüentemente bloqueada. Assim, a evicção de Kruschov, a tentativa de reabilitar Stálin, a nova onda de culto à personalidade centrada em Brejnev. A liberalização não arranha o domínio da ideologia, nem mesmo o da cultura. Procura-se entrar, bloquear, diminuir a velocidade das reformas nos países onde o processo estava mais acelerado. Nas palavras de Moshe Lewin:

“o período pós-stalinista choca o observador por seu gradualismo, sua tranqüilidade, seu desaceleramento e mesmo certos elementos de estagnação, quase um período de serenidade, sem grandes subversões nem bruscas viragens. Como se fosse possível discernir sinais de envelhecimento no que havia de novo na história. Aliás, esses sinais podiam indicar que o modelo se aproximava de uma idade onde a maturidade tinha sido ultrapassada e o modelo carecia de novas transformações”².

A liberalização do sistema stalinista compreende inúmeras variações no mundo socialista e no seio de um mesmo país, de acordo com as fases históricas que vão desde a morte de Stálin até os dias de hoje. Na União Soviética, mesmo no tempo de Kruschov, as variantes se alternam e se combinam. Fase de recuo com Brejnev e Tchernenko, fase de progresso com Andropov e Gorbachov.

A variante gorbachoviana tentou e ainda tenta combinar uma mutação fundamental de estratégia política exterior a uma política de reformas internas mediando entre liberalização e

² Moshe Lewin, op.cit., p.17.

desmantelamento do sistema stalinista. Na Hungria, o mérito histórico de Kadar foi de ter levado a seus limites extremos a liberalização do sistema stalinista e de ter empreendido iniciativas no sentido de seu desmantelamento. O kadarismo terminou em fracasso e por isso mesmo demonstrou que se confinar a uma liberalização tão somente acelera ainda mais a decomposição do regime, pois o processo de reforma não pode ser apenas parcial, ficar a meio caminho acumulando tensões e coágulos cada vez mais perigosos. O controle, a regulação desses problemas torna-se impossível se são mantidas as estruturas políticas e econômicas convencionais, as modalidades essenciais de seu funcionamento. Nessas condições, o processo desemboca em crise econômica, crise ideológica, crise política que solapa a legitimidade do poder, a confiança e o apoio das massas, suscitando movimentos de oposição na sociedade e correntes alternativas no seio do partido.

Lewin centra sua análise da formação da sociedade soviética na aceleração do processo de urbanização e suas conseqüências de caráter sócio-político, político e cultural, tanto à escala macro quanto microssocial, justamente para explicar como se constituíram as bases das mudanças que se operam na União Soviética, a nova orientação preconizada e buscada por Gorbachov.

Segundo os dados fornecidos por Lewin, a população urbana representava antes da guerra 32% da população total (isto é, 52 milhões de pessoas), essa porcentagem subiu para 49% em 1950, 58% em 1972 e 65% em 1985. Atualmente, 168 milhões de soviéticos vivem em aglomerações urbanas, um terço dos quais concentrando-se em cidades com mais de 200 mil habitantes. O número de trabalhadores que vivem nas cidades tinha passado de

dois a 81 milhões entre 1939 e 1983. O número de intelectuais e especialistas atingiu 35,5 milhões dos quais 13,5 milhões com diploma de curso superior. Da ruralização da população passaram ao estágio da urbanização dos rurais instalados na cidade, não obstante um em cada dois cidadãos ainda hoje tenha nascido no campo.

Formas de solidariedade as mais variadas se entrecruzam: religiosas, étnicas até aquelas no seio dos grupos de oposição. A cidade estimula cada vez mais a autonomia, a formação de canais informais no âmbito dos bairros, das profissões, das afinidades pessoais, o que limita e desagrega o monolitismo, os valores e as normas impostas a partir da cúpula. A livre circulação das idéias, das informações, dos textos não-oficiais é muito mais difícil de ser controlada nas cidades do que nas pequenas aglomerações urbanas ou vilarejos. Nas cidades soviéticas, encontrávamos os traços da urbanização do mundo ocidental e do Terceiro Mundo, o entrelaçamento de identidades de tipo diferente. Apareciam embriões de sociedade civil ou, mais exatamente, acentuava-se a dualidade entre sociedade oficial e sociedade informal.

Conclui-se que o surgimento do fenômeno gorbachoviano resultou da modificação produzida pela estratificação social que se seguiu à industrialização, urbanização, elevação da formação escolar, profissional e científica. Todavia continuavam a interpenetrar-se e a coexistir tendências à integração e à periferização dos rurais, à desqualificação e à promoção de modos de vida, de mentalidades, de solidariedades, mantendo a reprodução do complexo de modernização e de retardamento. A burocracia e a penúria favorecem solidariedades baseadas em

relações hierárquicas, mantêm a corrupção, a transgressão social, o espírito servil, o individualismo selvagem e as aspirações aos valores democráticos e as condições propícias à auto-realização da personalidade.

Em todos os países do Leste encontramos esse quadro complexo de componentes contraditórios que impulsionaram com intensidade desigual a liberalização do sistema stalinista e favoreceram a atração e a extensão do modelo de consumo ocidental e a coexistência conflitiva entre a sociedade oficial e a sociedade paralela, subterrânea.

Incertezas e alternativas

Os *mass media* confundem o exame das transformações do ponto de vista da formação social com a apreciação das correntes ideológicas e políticas que se tornam dominantes no decorrer do período que acompanha e sucede à ruína dos regimes que tinham funcionado segundo o modelo do sistema stalinista que desacreditou o socialismo e o conjunto da Esquerda. Nos países capitalistas tradicionais as formações políticas de Esquerda ou de Direita podem administrar o sistema, exercer o poder, formar governos: distanciar-se do stalinismo em si não significa cair no campo da Direita. Ser um partido de oposição não quer dizer ser automaticamente uma formação de Direita, ainda mais porque os partidos que se formam são mais blocos políticos de composição heteróclita do que propriamente partidos com uma identidade

definida em relação aos outros, e mesmo em relação a seus filiados e simpatizantes.

Como já disse, as sociedades do Leste constituíam um subsistema original do capitalismo histórico, na medida que nelas a lógica do capitalismo só se afirmava de maneira restrita, em razão da extrema limitação da propriedade privada, da economia de mercado, da racionalidade econômica do capitalismo e da sociedade civil. Tratava-se de sociedades onde se combinavam tendências à modernização e ao atraso, assegurando-se prioridade à esfera militar graças a uma planificação imperativa, a uma redistribuição administrativa da renda nacional, a uma acumulação intensa, ao desperdício de recursos naturais e da força de trabalho.

Essas sociedades garantiam conquistas de caráter social, mas sem poder garantir a longo termo a reprodução ampliada dos fundos para preservar e enriquecer essas conquistas. Tratava-se de sociedades capazes de abafar as tensões, as contradições, mas incapazes de instalar mecanismos para regulá-las. Os fatores de autodesintegração se acumulavam, toda crise mais forte sacudia o edifício, de forma que o desabamento final deu-se em questão de horas ou de dias.

Foram regimes que colocavam obstáculos ao livre desenvolvimento do capitalismo, sem poder no entanto garantir a transição ao socialismo. Consideradas as incertezas e as contingências, procurar esquematizar as alternativas possíveis para o período posterior ao desmantelamento do "socialismo" stalinista torna-se uma empresa onde se confundem reflexões e

imaginação. Uma opção presidida por afinidades e inclinações, apreensões e esperanças pessoais. Somos cegados por nós mesmos e pela confusão, pela dispersão dos traços de uma imagem ainda muito turva.

O leque de alternativas abre-se a partir de um conjunto de pontos comuns:

- a) um fundo similar de heranças, de estruturas e de funcionamento das esferas políticas, econômicas, sociais e ideológicas;
- b) concepções e métodos necessários para dismantelar o regime stalinista, propiciando ao mesmo tempo condições de transição a uma economia de mercado, um regime parlamentar, a uma determinada adaptação aos imperativos e possibilidades de estabelecimento de novas relações entre o Estado e a sociedade reestruturada e a uma inserção particular na economia mundial, sem que com isso se comprometa a reprodução mais equilibrada da economia e a regulação das tensões sociais que sustentam as bases das instituições e do comportamento democrático;
- c) a gama das respostas a serem elaboradas pelas potências ocidentais ou por cada um dos pólos hegemônicos às diversas conseqüências do desabamento dos regimes do Leste;
- d) o curso dos acontecimentos na URSS e seu impacto nas relações internacionais;
- e) a remodelagem das relações Leste/Sul, Norte/Sul;

- f) a reconstituição de uma Esquerda renovada no espaço político dos países do Leste. Qual será o bloco, o movimento que preencherá o vazio, depois do descrédito, do esboroamento, da marginalização dos partidos que pretendem, até aqui, situar-se à Esquerda?
- g) a conciliação da mundialização e das situações ou tradições nacionais específicas.

Nada é previsível, porém tudo é imaginável

Desse modo, podia-se supor que no esforço de conter as tensões sociais, mormente na ex-União Soviética, instaure-se um regime bonapartista de novo tipo, no esforço de conseguir a adesão das forças de coerção e recuperar os patriotas reformistas, apresentando afinidades entre o poder czarista e stalinista – embora não centrado no expansionismo imperial – concentrando esforços na modernização do conjunto da economia. Uma forma de atingir objetivos tomando o caldo pelas bordas.

Mesmo no caso de uma tomada do poder pelas forças armadas, de uma coalisão entre neofascistas e neo-stalinistas, levando a um novo período de confrontação, através de uma ideologia para galvanizar grande parte da sociedade russa, não se chegaria a nada de positivo. Um retorno às invariantes da história russa, nas condições nacionais e internacionais da atualidade, resultaria em putrefação cada vez mais pronunciada da própria

sociedade, em revoltas nas repúblicas, em guerras civis onde as forças armadas se juntassem aos opositores do poder central, além de guerras locais no Terceiro Mundo e no retorno à guerra fria.

Prolongar o período stalinista ou mesmo o período de uma liberalização do sistema stalinista conduziria o povo soviético e toda a humanidade a um impasse, e mesmo aos umbrais de uma nova conflagração mundial.

Uma alternativa mais otimista, no entanto, se apresentaria aos países do Leste na medida que – mesmo atravessando um período mais ou menos longo e relativamente agitado e exigindo sacrifícios de uma importante franja da população – possam consolidar um regime democrático e instaurar uma economia de mercado adequada à sua modernização e adaptação à economia mundial.

Seria preciso, nesse caso – supondo que a economia mundial não sofresse grandes perturbações –, que a nova equipe dirigente e os partidos de oposição estivessem à altura da situação e que as tendências extremistas e os patrioteiros não conseguissem canalizar o descontentamento, o desespero das camadas fadadas à pauperização. Uma condição prévia para essa alternativa seria um reequilíbrio progressivo das desigualdades entre as nações ao menos no continente europeu.

No que diz respeito aos países do Leste os imperativos comuns são: garantir o mercado de bens e reconstituir os mercados dos fatores de produção, capitais e de mão-de-obra.

Dáí a necessidade de se transformar a estrutura da propriedade. Como não sou economista não me proponho a

Imre Marton

elaborar uma teoria global da transição a uma economia de mercado.

Não se pode generalizar as experiências de diferentes países que, de um modo geral, nada mais fazem que adentrar o período de transição. Infelizmente, as discussões entre os economistas muitas vezes se referem ao que deveria ter sido feito para evitar o que foi feito, o que deixou as cartas embaralhadas, e não acerca das medidas sucessivas que devam ser tomadas para realizar os objetivos sobre os quais estamos de acordo.

Para começar, pretendo analisar as questões prévias e as características do movimento político e ideológico na Hungria.

(Termina aqui a Parte I)

NOME: _____

Name: _____

ENDEREÇO: _____

Address: _____

RECEBEMOS: _____

We have received: _____

FALTA-NOS: _____

We are lacking: _____

ENVIAMOS EM PERMUTA: _____

We are sending in exchange: _____

DATA: _____

Date: _____

ASSINATURA: _____

**A NÃO DEVOLUÇÃO DESTE IMPLICARÁ NA SUSPENSÃO DA
REMESSA**

Non-acknowledgement of receipt will indicate that further publications are not wanted.

À
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - IFCH
SETOR DE PUBLICAÇÕES
Cidade Universitária "Zeferino Vaz"
Caixa Postal 6.110
13081-970 - Campinas - São Paulo - Brasil

Tel.: (019) 239.8342
Telex: (019) 1150 - Telefax (019) 239.3327
Correio Eletrônico: pubifch@turing.unicamp.ansp.br